

# O ECCO DE BARCELLOS.



Só em Barcellos houve alardo um dia,  
Em que o Sol pelos campos dilatados  
Com terrível e fera galhardia  
Desaseite mil peitos vio armados.

[Poema Epitalamio de Manoel de Gallegos. 'Oitava 81].

REDACTOR PRINCIPAL E EDITOR RESPONSÁVEL, DAVID DE BARROS E SILVA BOTELHO.

PREÇO D'ASSIGNATURA.  
Por um anno..... 2\$100  
Por seis mezes..... 1\$200  
Por tres mezes..... \$600-

PUBLICA-SE ÁS QUARTAS-FEIRAS E SABBADOS.  
Numero avulso 30 rs. Anuncios e Correspondencias, por linha 40 rs. Repetições 20 rs. Para os snrs. assignantes por linha 20 rs. repetições 10 rs.  
Os annuncios e correspondencias, devem ser remetidas francas de porte ao redactor do ECCO DE BARCELLOS.  
Assigna-se em Barcellos na loja de Joaquim Alves Vallongo e Souza, rua Direita n.º 30.

E COM ESTAMPILHAS.  
Por um anno ..... 2\$920  
Por seis mezes ..... 1\$460  
Por tres mezes ..... \$730  
Para o Estrangeiro accresce o porte.

## EXPEDIENTE.

Na quarta-feira 26 do corrente, não sahirá o Jornal, attendendo á solemnidade da vespera, em que seria forçoso obrigar a trabalho os empregados da typographia; o que não é justo.

Pedimos desculpa aos nossos assignantes, a quem aproveitaremos occasião de compensar esta falta.

## BARCELLOS 21 DE DEZEMBRO.

A grande sensação que o folheto *O Papa e o Congresso* causou na Europa, por se attribuir ao homem que governa uma grande nação, e mais pesa de ha annos a esta parte na balança da politica europêa, dêo vida a uma nova industria, por meio da qual alguns escriptores se propozeram explorar a curiosidade publica, e a agitação politica, que a proclamação de novos principios de direito publico creára e alimenta—, publicando folhetos, aos quaes pela importancia dos titulos escolhidos *ad hoc*, e pela occultação do nome

do autor, se busca dar vulto, e assim desafiar a procura—! A época é especulativa; e os homens de hoje, de tudo querem e sabem tirar partido!

E assim vemos apparecer um sem numero de publicações, em que os autores fantasiando *ad libitum*, regulam os futuros destinos dos povos e das nacionalidades, nas evoluções da sua inventiva! São os Bandarras da actualidade, que se distinguem dos de outro tempo pelo proposito de fazer bom mercado das suas prophcias, que não valem mais que as dos antigos!

Porém o caso é, que os pessimistas dispostos a vêr tudo pelo lado peor, e em todo o mal fantasiado a previsão de verdade, não só se deixam possuir de sustos e receios infundados, mas tratam de os inculir aos outros!—Por este modo se cimentam preoccupações graves no publico, e se cria uma inquietação latente, sem motivo racional que a authorise!—

D'entre essa alluvião de folhetos que formigam da imprensa de Pariz, o mais recente, é o que tem por titulo - *A Europa em 1861*—, em que o author, em maré de gene-

rosidade, se lembra de dar o continente de Portugal á Hespanha, e as nossos colonias á Inglaterra!! É uma phantasia rasgada, mas não comprehendemos que o folheto tenha por isso mais authoridade, do que o chistoso livro que nos faz antever o mundo no anno de 3000!

Mas já vemos que nem todos assim pensam, porque o citado folheto deo azo á manifestação das terriveis apprehensões, de que a nossa autonomia nacional corre perigo! Em fracas bases se firmaria ella, se tão arriscada estivesse. Felizmente não é assim, porque uma nacionalidade que tem seculos d'existencia; que tem a sua razão de ser em si mesma; nas tradições historicas, e na indole e condições dos povos; é uma força viva que se não destroe. A lição desta verdade ensina-a a historia, que é o criterio moral da humanidade.

Se lá por fóra, alguém que nos não conhece, que não conhece o nosso paiz, acreditava na possibilidade, de que esta monarchia de sete seculos desaparecesse do mappa das nações independentes, a exemplo d'alguns Estados italia-

## FOLHETIM.

A pedido, e com a devida venia, damos em folhetim o seguinte

(FRAGMENTO DE UM LIVRO).

Que maviosa melancolia a d'aquelle cantico da minha filha, da filha dos meus sonhos e das minhas afflições!

E eu bebia-lhe as lagrimas, já que não podia dar-lh'as. Instillava o fogo dellas no coração que só lagrimas podiam aquecer sob os gelos de trinta annos de soledade. Eu pedira a Deus a paixão em que um dia de prazer custa annos de agonia. Pedi-lhe o flagello do ciúme; e o Senhor pôz a meu lado o anjo maldito que matára Desdemona, e arrojára um cadaver aos pés de Carlota. Uma tortura para cada fibra, um rugido de homicida para cada homem, que a contemplava, e podia no secreto de sua phantazia, imaginar o sabor d'um beijo dos la-

bios della. Tinha amigos, e injuriei-os, e perdia-os para que m'a não vissem. Escutava-lhe anciado as palavras do sonho, e contemplava-lhe o seio com o amor vertiginoso d'um louco, e a insania furiosa de quem quizera na ponta d'um punhal roubar-lhe o segredo do coração. E se ella balhucava, n'um vagido infantil, o meu nome, os meus labios convulsivos respondiam-lhe com um beijo em que me sahia da alma o inferno incomportavel da duvida.

Ella dissera-me um dia: «Sou a tua mulher fatal!» Eu filei-a com o assombro de homem, affeito a ver na mulher a creatura fragil, a linda e quebradiça argila que não podia conter seis lagrimas sinceras d'um coração varonil.

«Sou a tua mulher fatal!» Contemplei-a, ouvi-a na voz da consciencia que nunca invocára para as chimeras do amor, e a consciencia disse-me:

«Será.»

Eras, eras, senhora de minha alma, mão divina que soppozaste as paixões todas que se me gladiavam no espirito, redemptora de ins-

tinfectos bons que a ignominia convertêra em consciencia de deshonra.

O' mulher fatal, o que eu te devo, o que eu descobri na minha alma! Que thesouros de amor, de gratidão, de paciencia, de devoção religiosa, de consoladoras lagrimas, de esperanças immortaes, de phantasias ridentissimas! Tudo teu, tudo por ti, minha providencia!

Cada lagrima tua, uma flor aberta a perfumar a Divindade em minha alma!

Corça de espinhos, se o mundo m'a dava, roçava-me a fronte a tua aza de anjo, e os espinhos eram-me suaves e delectosos como caricias de filha que consola chorando.

E os teus cantares, quando o archanjo da saudade, e o ciúme dorido do amor que parece caprichar em sentil-o, te visitavam na tua solidão!

Lembra-te, luz que me alumias e me cegas? Lembra-te!.. Era assim que tu me dizias, no dia em que os anjos me invejaram o destino, o cantico da saudade que eu te ouvi quando já podias sorrir á reminiscencia da magoa que t'o inspirara;

nos, a ultima digressão que o snr. D. Pedro V. fez ao Sul e ao Norte do reino, dar-lhe-hia o desengano. O rei de Portugal viajou o paiz, como particular, n'uma carroagem da mala-posta, sem guardas, sem soldados, e unicamente entregue á guarda do povo, que de todos os pontos acodia a dar-lhe significativas mostras de dedicação e amor—, reveladas tambem por mil modos, nas festas com que fôra recebido e tratado nas grandes povoações—.

Qual é o soberano dos que firmaram o seu throno na base do suffragio universal, que sem risco, poderia fazer outro tanto?

A nação que se escuda com a liberdade, que se fortalece na intima união entre o soberano e o paiz, não póde receiar pela sua independencia, porque é este o caso de dizer-se — que não ha direito contra direito—.

Não somos pessimistas nem optimistas, porque em tudo e para tudo, abraçamos o justo meio racional.

Não entendemos, portanto, que devamos descurar os meios de defeza, para que eventualidades imprevistas na ordem dos acontecimentos do mundo, nos não colham desapercibidos.

Mas tambem não entendemos que haja motivo plausivel, para os sustos e receios que por ali se erguem, alarmados com a ideia de um perigo, que pela auzencia absoluta de fundamentos para elle, deve considerar-se imaginario.

#### Circular do Ministro do Reino de França aos Prefeitos.

Snr. prefeito. — Tomando posse do cargo elevado, que a confiança do imperador acaba de me conferir, careço em

primeiro lugar de reclamar todo o vosso auxilio, porque quanto mais nobre é o espectáculo que se nos apresenta pelo decreto imperial de 24 de Novembro, tanto mais a administração interna do paiz deve inspirar-se de pensamentos generosos.

Eis um principe, que depois de receber os poderes da nação para restabelecer a ordem publica no interior e a grandeza do paiz no exterior, é o primeiro a appellar para a expressão dos votos e da opinião da França. Apenas fica victorioso dos inimigos internos e estranhos, immediatamente introduz nas nossas instituições, melhoramentos que são um testemunho da sua confiança no paiz.

O quadro desta primeira parte do seu reinado formará um bello periodo da nossa historia. Chamado pelo voto de um povo inteiro para se pôr á testa de uma sociedade desorganizada, lançada no chaos e na anarchia, elle cumpre corajosamente a sua missão. e no prazo de alguns annos eleva a ponto tal a ordem nos espiritos e nas cousas, que nunca em época alguma da nossa historia se gozou de semelhante prosperidade.

Depois, apenas concluiu esta grande obra no interior, é levado pela situação da Europa, a emprehender no exterior outra não menos importante, para collocar a França na elevada posição que lhe compete. A despeito de tristes prophecias, que por toda a parte annunciavam que elle seria arrastado pela guerra até além do limite dos verdadeiros interesses da França, a sua sabedoria, igual á sua coragem, o fez parar nesse limite; e assim não só restabeleceu, em proveito da nossa segurança o equilibrio da Europa, mas até conferio ao mundo uma nova era de paz e de prosperidade.

Finalmente, para terminar este quadro; convencido de que a sua verdadeira missão não é só collocar o seu nome junto do glorioso chefe da sua raça, mas sim consolidar os destinos do imperio, elle o prepara agora para o nobre e pacifico exercicio das liberdades, cujo desenvolvimento deve ser protegido pelo throno popular dos Napoleões.

Senhor prefeito, se vos recordo estes pontos da nossa historia actual, não é para que faças delles o objecto de communicações officiaes ás populações do vosso departamento, porque, orgulhosas por terem tão admiravelmente encontrado no

dia 10 de Dezembro, pela sua propria iniciativa, o fio perdido dos nossos destinos, ellas não carecem de pessoa alguma para lêrem no seu coração as grandes paginas do imperio que fundaram. O que dezejo unicamente é fazer-vos comprehender qual o espirito com que reclamo o vosso auxilio.

Compenetrado de que as liberdades de um paiz não podem desenvolver-se, senão em quanto o proprio Estado goza da mais completa segurança, peço que sejaes sempre firme em manter a ordem publica, e diligente em velar, sendo necessario, pelos inimigos do Estado: porém recomendo-vos ao mesmo tempo, que não vos poupeis a esforços, para que se complete a obra da reconciliação entre os partidos. Muitos homens honrados e distinctos dos antigos governos, apesar de prestarem homenagem ao imperador pelas grandes cousas que elle tem realisado, ainda se conservam retirados por um sentimento de dignidade pessoal. Testemunhae-lhes o respeito que elles merecem; não percaes occasião alguma de os convidar a que se tornem uteis ao seu paiz pelos seus conhecimentos e experiencia; e recordae-lhes que se é nobre conservar o culto das recordações, é ainda mais nobre ser util á sua patria.

E agora, senhor prefeito, que vamos trabalhar reunidos em proveito do Estado, peço-vos que vos liberteis de preoccupações pessoais, que por vezes servem de embaraço aos grandes negocios. Dizeime sempre francamente qual é a vossa opinião, com a independencia de caracter que constitue o verdadeiro servidor do Estado, e por consequencia sem vos preoccupardes de agradar ou desagradar. Lembrae-vos de que um funcionario da ordem civil, como o soldado que expõe a vida pelo seu paiz, deve saber, sendo necessario, arrostar com um infortunio immerecido. Porém não receeis que eu vos julgue sem vos ouvir; a ainda menos, que eu me acoberte com a vossa responsabilidade. Não receeis tambem, em quanto vos dedicardes corajosamente a favor do interesse publico, ficar exposto de longe, sem defeza, ao ressentimento das ambições não satisfeitas. De resto, bem depressa recebereis instrucções sobre pontos importantes de politica e de administração, e terei occasião de appellar para o vosso zelo e dedicação. Aceitae, senhor, etc. — O ministro do reino, *De Persigny*.

Tu foges-me, anjo!? Na terra,  
Sou sosinha! Ai! desgraçada!  
Do pó, a um alto sublime!  
No abysmo hoje... no nada!

Eras-me vida de enlevo;  
Eras Deus na magestade!  
Raio de sol, eu te via  
No fragor da tempestade.

Eras o talisman sancto,  
Que me dava a formosura;  
Eras a graça, a magia  
Da existencia, a ventura.

Sonhei contigo o impossivel,  
Quiz arrancar-te a essa cruz,  
A tão negro e máo destino,  
De que eu tentei ser a luz.

Quiz esconder-te no seio,  
No sacario da paixão;  
Fechar-te os olhos ao mundo,  
Postos no meu coração.

E quiz mesmo além da morte,  
Corpos, almas, n'uma só;  
Para o ceo, se o ceo existe,  
Para o pó, se tudo é pó

Tentar a Deus fôra isto!..  
Vil creatura que eu sou!  
Em tão alto cume erguida  
D'elle um sopro me baixou!

Foste tu o fraco e o forte!  
Vi-te sorrir e chorar...  
Matas-te-me! e eu já fria,  
Ponho as mãos p'ra te adorar.

.....  
.....

Adorar, adorava-te eu, quando sobre o hombro me pendias a face formosa onde viçavam flores regadas pelo pranto da hora triste em que tua alma suspirara.

Olhava-te com a soberba de te sentir minha! Procurava-te o coração no rosto, e esquecia-me d'elle, enlevando-me no extasis d'uma formosura, que perpassára um instante entre duas estrellas, na hora mais arrobada da minha infancia.

Por que vieste a este mundo, cherubim?  
Não tinhas anjos no ceo para os teus amores?  
Não via Deus que eras linda e pura de mais para os homens?

Por que baixaste a mão a erguer um verme?  
Que viste em mim para te merecer uma dessas lagrimas que sobem de mim para Deus na oração da manhã, no scismar á hora das Ave-Marias em que a poetica unção da saudade, me fazia por amor de ti, acariciar os mesmos inimigos?

Bem dita tu sejas, mulher, destino, fatalidade!

## COMMUNICADO.

Deixou de parochiar como encomendado da freguezia de Santa Maria de Gilmonde, em razão de ser provida em concurso proximo, o Revd.º Padre Antonio Carvalho, que há seis annos ali exercia aquelle cargo. Era de todos bem querido, não só pelo bem que desempenhou seu alto ministerio; mas tambem pelo seu exemplar comportamento.

A todos os seus freguezes deixou cheios de saudade, e na sua despedida verteram-se reciprocas lagrimas. Se todos os parochos cumprissem com o seu dever como o sr. Carvalho, não se dizia que os povos estavam insubordinados. Os povos tem instincto natural para apreciar o bem, e odiar o mal.

## NOTICIAS DIVERSAS.

**PARTIDA.** — S. M. El-Rei o Sr. D. Pedro 5.º, acompanhado de seus Augustos Irmãos os Srs. Infantes D. Luiz e D. João, forão para a tapada de Villa Viçosa com S. A. o Principe de Hohenzollern Sigmarigen Cunhado d'El-Rei a uma caçada. Dizia-se, que talvez dali se dirigissem a Evora.

**VISITA.** — Consta que S. Exc.ª o Marechal Duque de Saldanha, visitara o Sr. Conde de Thomar na sua chegada do Rio de Janeiro, felicitando-o pelos serviços ali prestados como Embaixador.

**NOMEAÇÃO.** — Foi despachado Juiz de Direito da Comarca de Villa Real, o Sr. Visconde de Gouvêa.

**GOVERNADOR CIVIL DE BRAGA.** — Consta estar definitivamente nomeado Governador Civil deste Districto, o Ex.º Sr. Antonio Maria de Mello, filho primogenito do Sr. Conde de S. Lourenço. Este cavalheiro entra agora na vida publica.

**REINTEGRAÇÃO.** — Foi reintegrado no cargo de Administrador do Concelho dos Arcos de Val de Vez o Sr. Antonio Pereira de Sá Sotto Maior.

**NAPOLEÃO FUMOU UMA ÚNICA VEZ.** — Lê-se na « Nação ». — Uma só vez experimentou o tabaco de fumo Napoleão 1.º

Havia-o presenteado o embaixador persa em Paris com um cachimbo magnifico; e tanto por consideração para quem lhe fizera o presente, como por curiosidade quiz provar o tabaco.

Accendeu o comprido cachimbo de enorme cabeça, e começou a aspirar com toda a força de seus mal exercitados pulmões o fumo do tabaco.

Em resultado das taes aspirações experimentou terriveis nauseas, e, batendo o pé no chão com grande estrepito, atirou com o cachimbo a uma parede, fazendo-se logo em pedaços.

« Ainda bem (exclamou pallido da agonia que o fumo lhe causara) que esta invenção é propria do Oriente, patria da eterna somnolencia, e da mais completa mandrice! Não concebo como em França, paiz de tamanha actividade, se vá propagando o habito de matar o tempo e destruir a saude com esta horrivel machina, do envenenamento e ócio . . . »

« Pois bem (acrescentou): eu regularéi este habito por uma lei. »

E pouco tempo depois (a 29 de de em-

bro de 1810) se publicou o decreto que estabeleceu o estanco do tabaco.

O imperador ao fixar um imposto sobre aquelle costume, não imaginou que ia destruí-lo; pertendeu unicamente, visto que os francezes se davam a tão asqueroso goso, exploral-o em favor do thesouro, querendo que fructificasse a riqueza do paiz, como o esterco faz medrar a arvore.

« N'essas fumaradas descubro eu no futuro a entrada de oitenta milhões de francos no thesouro publico. »

E estas palavras transpareciam mais ou menos litteralmente no decreto imperial.

Ha vinte annos se realisaram já as esperanças do imperador, e hoje a renda do tabaco produz em França 183 milhões de francos annuaes.

Entre nós são tambem onerosos os sacrificios que fazem os fumistas e tabaquistas, para fumar e cheirar tabaco de pessima qualidade, pela maior parte, mas estes sacrificios aproveitam mais aos senhores do contracto do que ao estado.

Deus perdõe a quem tem a culpa d'esta, e outras irregularidades.

**FAMILIA PRIVILEGIADA.** — Lê-se no *Commercio do Porto*. — Ha na Belgica, diz a « Patrie », uma familia que desde tempo immemoravel goza o singular privilegio de que todos os seus membros do sexo feminino tem seis dedos, tanto nas mãos como nos pés. E' o seu dedo minimo, tanto nos pés como nas mãos, que se divide em dous. Os sextos dedos das mãos, abrem-se, fecham-se, e prestam aquelles que os possuem, os mesmos serviços que os outros.

A unica e ultima herdeira d'esta conformação excepcional, longe de a dissimular, mostra com certa complacencia, as suas mãos de uma perfeita harmonia, e os seus lindos seis dedos aguçados como fusos.

Nos bailes e nos passeios, usa luvas de seis dedos, obra prima de Chavigny.

Mademoiselle \*\*\* é excellente piannista; e os seus dedos permittem-lhe obter effeitos impossiveis de obter para os outro piannistas a quem a natureza só deu cinco.

Conserva-se na familia de Mademoiselle \*\*\* o retrato de uma das suas avós, feito pelo celebre Rubens. O famoso pintor reproduziu com extrema fidelidade as encantadoras e phenomenaes mãos de seis dedos do original.

**NAUFRAGIO DA CORVETA BRAZILEIRA D. ISABEL.** — Diz a « Razão » que uma correspondencia particular, dirigida a um periodico de Marselha, dá os seguintes lamentaveis promenores acerca do naufragio da corveta brazileira D. « Izabel », no cabo Spartel:

Gibraltar, 17 de novembro.

Depois que sahimos de Marselha em 30 de outubro, os ventos nos foram desfavoraveis ao Mediterraneo, e só no dia 10 podêmos sahir do estreito de Gibraltar, affrontando correntes e ventos contrarios.

Seguimos para o norte. Pela meia noite clarou-se a tempestade de OSO, e o nosso valente commandante fez quanto um marinheiro experimentado pôde fazer para se afastar da costa. A noite era tão escura que se não via pessoa alguma na coberta. Duplicando o vento a sua violencia, arrancou as velas que foram substituidas por outras, depois de penosos esforços.

No dia 11, pelo meio-dia, a tripulação não podia fazer o bordo, e tínhamos virado ao sul. Nunca podêmos observar os astros, o que nos punha em dúvidas sobre a posição do navio. O commandante reuniu conselho de officiaes, e decidimos voltar ao estreito, por não ser possivel ao navio supportar por mais tempo pequenas manobras, e ameaçar a tempestade quebrar-nos os mastros e arrojarnos á costa, d'onde estavamos já mui perto. Deitámos a sonda por duas vezes; na primeira d'ellas achamos 75 braças, e na segunda 60, o que nos fez crer que estavamos ao norte como reconhecemos pelo calculo, e contudo a corrente nos levára para o sul, eram oito horas e quarenta minutos. O tempo escurécera.

Quando nos julgavamos na direcção do estreito, chegamos ahí, e cinco minutos depois notamos alteração nas aguas. O navio arribou logo, e o commandante que até o momento em que fallou, conservou placidez de animo, manobrou para nos afastar da costa, o que não foi possivel conseguir-se. As vagas cobrindo o navio, até os mastros, completamente o despedaçaram no espaço de trinta ou quarenta minutos.

Que scena de horror! Que horrendo quadro! Uns gritavam por seus filhos, outros por seus paes, e supplicavam á Virgem Nossa Senhora que os salvasse. A maior parte da gente lançou-se ao mar, perecendo entre os restos da embarcação, e nos rochedos; e eu, em cima do mastro de mesena, invocava a Divina Providencia, e tinha sob os olhos scena tão melancolica. Quando este mastro perdeu quasi toda a sua cordagem começou a tombar: abri então a muito custo passagem por entre os que a elle tinham trepado, e um momento depois caíu, arrastando na sua queda quantos buscado ahí um abrigo só encontraram a morte.

Já restava do navio só um pedaço da pópa, ao qual tive a ventura de poder-me agarrar, assim como quatro praticantes, e alguns marinheiros, dois dos quaes pereceram sobre aquelles mesmos fragmentos, e d'este modo fomos arrojados milagrosamente para a praia. Dirigimo-nos d'aqui a um bosque esperando o dia, que reuniu todos os naufragos salvados, em numero de 10 officiaes e 83 marinheiros, estando a maior parte feridos. Na manhã de 12 percorri o sitio do naufragio, e só encontrei cadaveres. A fome, sede, e frio, começavam a atormentar-nos; pelo que deixamos estas paragens, e nos encaminhamos ao Norte. Na distancia de algumas leguas encontramos tres maiores que nos quizeram acompanhar a Tanger. Descançamos nas barracas de alguns indigenas, pois os feridos não podiam caminhar. O consul inglez veiu ao nosso encontro, e com a protecção d'esta authoridade chegamos a Gibraltar, d'onde partimos para Lisboa.

**SOMNAMBULISMO.** — Um jornal americano menciona um exemplo curioso de somnambulismo. Uma rapariga de Fulton está em habito de se levantar todas as noites, e dormitando, escrever algumas poesias, onde se reconhece algum merito. Para trabalhar accendia o seu candieiro: mas tendo llo seus parentes tirado, continúa a escrever ás escuras.

**CASTIGO BARBARO** — Em Constantinopla, quando um tendeiro dos bazares é accusado de ter enganado algum dos seus comparochianos, o se prova o facto por meio de uma breve informação summaria verbal, é condemnado a ser pregado pelas orelhas junto á porta da tenda do lado de fóra, de modo que só toque o chão com as extremidades dos dedos maiores dos pés; e d'esta fórma em quanto deixa de estar sobre as pontas dos dedos, se lhe arrancam as orelhas ou parte d'ellas. O infeliz, condemnado a esta posição por um certo espaço de tempo, geme e grita por quem lhe acuda; porem ninguem se atreve, e recearia igual castigo, aquelle que lhe chegasse uma pedra ou outra qualquer cousa em que elle pousasse os calcanhares.

**SIMPLES E BARATO.** — Mr. Laburthe fez presente á academia de Pariz, que encontrou no azeite de oliveira o remedio effizaz contra a enfermidade das videiras. E' sufficiente, afirma, passar as mãos untadas de azeite pelos sarmentos, folhas, e raizes enfermas, para que se curem ou suspenda o progresso do mal. Tres kilogrammas d'azeite são sufficientes para duas mil cõpas. Facil é comprehender a simplicidade do remedio, que alem d'isto, não tem o inconveniente que resulta da applicação do enxofre, que depois dá mau gosto ao vinho.

(Da Aurora do Lima.)

**CURIOSO QUADRO.** — Lê-se no *Luzo*. — Um celebre pintor italiano, desenhou n'um quadro as figuras seguintes:

D'um lado o Papa, e do outro um principe; junto destes um cortesão com um letreiro que dizia: — *Eu sirvo a estes dois.* —

Seguia-se um lavrador, dizendo: — *eu sustento a estes tres.* —

Depois d'estes um, em figura d'agiota que dizia: — *Eu engano a estes quatro.* —

Apparecia mais a um lado, um advogado dizendo: — *Eu embrulho a estes cinco.* —

Mais atraz estava um medico, que dizia: — *Eu mato a estes seis.* —

Entr'elles estava tambem um confessor dizendo: — *Eu absolvo a estes sete.*

Pela parte de baixo via-se a figura do diabo com um leteiro que tomava toda a largura do quadro, que dizia: — *Eu levo a estes oito.*

**INCENDIO.** — Hontem por nove horas da noite, davão as torres signal de incendio. Estava elle ateado no coberto da eira do caseiro do Recolhimento do Menino Deus, na extremidade — Norte — da Villa. Ardeo todo o coberto cujo cume era de colmo. Os esforços das primeiras pessoas que acodirão, puderão salvar uma porção de centeio, talvez 40 razas; e puderão affastar muita palha, que ali se achava, impedindo por esta forma que o incendio se communicasse á casa da habitação dos caseiros, o que infallivelmente aconteceria, se não fossé o cuidado que houve em retirar se a palha. Comtudo, perto de 40 razas de milho forão pasto das chammass, porque os que primeiro acodirão não sabião do milho.

A chuva não obstou a que acodisse muita gente, e a que trabalhasse com actividade e zêlo; apesar de que o signal das torres no centro da Villa não poudo ser dado com promptidão, por não ser ouvido ali com presteza por causa do tempo que fazia; o sino do recolhimento, e a sineta da Capella do Bom fim apenas poderam dar signal á vizinhança.

Dizia-se que uma mulher da rua dos Ferreiros, tendo um porco para chamuscar, e querendo fazê-lo occultamente, fôra pedir ao caseiro para o deixar chamuscar ali, por ser sitio para o intento. A pouca cautella fez saltar o lume para o colmo do coberto; e dahi se ateou um fogo, que podia ter bem peiores consequencias.

Dizia-se que a dona do porco, queria chamusca-lo ás occultas para se subtrahir ao pagamento dos respectivos direitos; pois que costuma vender por esta occasião carne de porco.

Isto dizia-se com bastante indignação na occasião do incendio.

**CORRESPONDENCIA.** — Reccebemos uma correspondencia de Fafe, que relata factos allusivos ao Parocho de Serafão; como venha porém destituida das formalidades, que taes correspondencias por direito exigem, pedimos ao digno correspondente nos envie a correspondencia com a devida responsabilidade, e então não hesitaremos publicar-lh'a.

## NOTICIAS ESTRANGEIRAS.

O Imperador da China abandonou a capital do seu imperio, e foi acampar com o exercito a quatro jornadas de distancia, sendo, em seguida, abertas as portas da cidade de Pekin aos alliados. Por despachos telegraphicos, não officiaes, recebidos em Lisboa, constava estar assignado o tractado de paz. O imperador tinha voltado para Pekim, e os alliados evacuado esta capital.

Na Hungria continuam os disturbios e a Gazeta de Colonia, em opposição aos jornaes austriacos que se esforçam em dissimular a crise, diz; as scenas de desordem, que tem occorrido simultaneamente em seis cidades diferentes, não podem ser consideradas simples effeito de casualidade, e apoiando-se em indícios, demonstra que esses movimentos partem d'um pensamento unico e d'um centro commum, pois tem estallado desde o primeiro dia com a mesma divisa o grito = abaixo as aguias.

As desordens de Aversa, no reino de Na-

poles, diz a «Epocha de Madrid», foram graves. A povoação se sublevoou contra os garibaldinos, muitos dos quaes foram mortos e feridos. Acredita-se que com o liceamento dos voluntarios não tardará a restabece-se a ordem.

Escrevem de Genova á «Patria» que tendo hido alguns generaes visitar Garibaldi a Caprera, este lhe pediu que se agrupassem em volta de Victor Manoal até ao principio de Março, que elle se collocaria de novo á frente de seus companheiros d'armas para combater em favor da independencia da Italia.

### DESPACHOS TELEGRAPHICOS.

**PEKIN, 13 de Outubro.** — Rendeo-se Pekin acceitando a cidade. Todas as condições impostas pelos alliados. O imperador se retirou com o exercito tartaro. Não existe inimigo algum armado dentro da cidade. As portas d'esta foram abertas aos alliados que estão acampados debaixo dos muros.

A saude é excellente. Lord Elgiu e o barão de Gros se acham na cidade. A indemnisação de guerra está prompta para ser entregue aos alliados logo que estes a peçam.

**CONSTANTINOPLA, 11 de Dezembro.** — Se ha apresentado no Danubio um navio sardo, procedente de Genova, com documentos falsos, armas e munições.

**LONDRES, 11.** — Diz o «Daily New», que a protecção que Napoleão dispensa a Francisco II é para evitar a humilhação de cahir prisioneiro; porém se prolongar a guerra e se não retira de Gaeta, será promptamente bombardeada esta por mar e por terra.

**TURIN, 14.** — Ha tres dias que se suspenderam as hostilidades contra Gaeta. Espera-se prompto resultado das insinuações diplomaticas para a capitulação da praça.

**VIENNA, 14.** — O Ostdutsche Post, designa um deposito d'armas e munições nos Principados danubianos para organizar legiões hungras e polacas, a fim de sublevar as nacionalidades, contando com a Turquia.

A Russia enviou uma nota ameaçadora ao principe Couza, e concentra doze mil homens na Besarabia.

**LONDRES, 14.** — É melhor a situação monetaria. Chegaram de Australia sete milhões e quatro centos mil francos. Os banqueiros enviaram dois milhões e seiscentos mil francos em numerario para o Banco.

**PARIZ, 14.** — A imperatriz regressou a esta capital com muitas melhoras na sua saude.

**LISBOA, 18.** — «Diario do Governo» — Parte não official. Por despachos telegraphicos recebidos em Lisboa, consta que se havia assignado a paz entre a China e os alliados. O imperador voltou para Pekin, e os alliados saíram d'aquella capital.

## AGRADECIMENTO.

Ricardo Edoardo de Faria Alvarenga, não podendo agradecer pessoalmente, como desejava, a todas as peseoas, que se dignaram cumprimental-o por occasião da doença e fallecimento de presada espoza D. Carlota Candida Alvarenga, aproveita este meio para lhes testemunhar o mais sincero reconhecimento.

## ANNUNCIOS.

No juizo de direito desta commarca de Barcellos e pelo cartorio do escrivão Cruz, correm editos de 30 dias, a requerimento de Antonio José Ferreira da Rocha, da freguezia de Cabreiros do julgado de Braga, chamando e citando todos os credores dos exe-

cutados João da Costa Lobo — o Giesta — e mulher, da freguezia de Sequeira do mesmo julgado de Braga, que se julgarem com direito á propriedade denominada, — bonça da Bandeira — sita nesta mesma freguezia, e que fôra arrematada pelo annunciante, na execução que aos ditos executados fizera a Real Irmandade do Senhor Bom Jesus da Cruz desta villa, pelo preço liquido de 489:331 reis --- que consignou em deposito, para que o venhão deduzir n'este juizo e no dito prazo, pena de lançamento, e de se julgar a propriedade livre ao dito arrematante. (47)

## ARREMATACÃO.

No dia 13 do proximo mez de Janeiro de 1861, por dez horas da manhã, no Tribunal Judicial desta Villa se tem de proceder na arrematação dos rendimentos do assento e casas em que vivem os executados Manoel da Silva Sepulveda e mulher, da freguezia da Silva; e bem assim na de 20 razas de milhão em grão, avaliadas estas em 8\$000 reis, e aquelles em 7\$400 réis, e tanto uns como outras, penhoradas aos referidos Sepulveda e mulher, na execução que lhes promove a Regente e Conceliares do Recolhimento do Minino Deus, desta villa. Escrivão Azevedo. (48)

CASA FELIZ.

4.ª LOTERIA DE LISBOA.

PREMIO GRANDE

R. \$ 9:000:000.

GUNHA & TORRIZ.

Affiançados no Governo Civil do Porto, na conformidade do edital de 28 de Junho de 1860.

Teem á venda nas suas casas de Cambio, rua das Flores n.º 1 e 3, junto á Igreja da Misericordia, e defronte da Companhia dos Vinhos n.º 96, bilhetes inteiros, a 6\$600, meios ditos, a 3400, quartos, a 1700, e cautelas de 500 reis e 250, cuja extracção terá logar no dia 22 do Dezembro.

Satisfazem todas e quaesquer encomendas que lhes sejam feitas das provincias, com toda a pontualidade, vindo acompanhadas do respectivo importe.

Os mesmos venderam na ultima loteria parte dos seguintes premios em meios bilhetes quartos, e cautelas de 500 e 250 reis.

1928.....	300\$000	(1982.....	100\$000
686.....	100\$000	2660.....	100\$000
		4494.....	100\$000

(6)

BARCELLOS. — Typographia de José Alves Vallongo e Sousa. — Rua Direita n.º 28.